
ASSOMBRAMENTO

(HISTORIA DO SERTÃO)

I

A' beira do caminho das tropas, num taboleiro grande, onde cresciam a canella d'ema e o páu santo, havia uma tapéra. A velha casa assobradada, com grande escadaria de pedra levando ao alpendre, não parecia desamparada. O viandante a avistava de longe, com a capella ao lado e a cruz de pedra lavrada, ennegrecida, de braços abertos em prece contricta para o céu. Naquelle escampado onde não ria ao sol o verde escuro das matas, a côr embaçada da casa suavisava mais ainda o verde esmaiado dos campos.

E quem não fosse vaqueano naquelles sitios iria sem duvida estacar diante da grande porteira escancarada, inquirindo qual o motivo porque a gente da fazenda era tão esquiva que nem ao menos apparecia á janella quando a cabeçada da madrinha da tropa, carrilhonando á frente dos lotes, guiava os cargueiros pelo caminho afóra.

Entestando com a estrada, o largo rancho de telha, com grandes esteios de aroeira e moirões cheios de argollas de ferro, abria-se ainda distante da casa convidando o viandante a abrigar-se nelle. No chão havia ainda uma trempe de pedras com vestigios de fogo, e, d'aqui e d'acolá, no terreno acamado e liso, espojadores de animaes vagabundos.

Muitas vezes os cargueiros das tropas, ao darem com o rancho, tratavam para lá esperançados de pouso, bufando, atropelando-se, batendo uns contra os outros as cobertas de couro crú; entravam pelo rancho a dentro, apinhavam-se, giravam impacientes á espera da descarga, até que os tocadores a pé, com as longas toalhas de crivo enfiadas no pescoço, falavam á mulada, obrigando-a a ganhar o caminho.

Porque seria que os tropeiros, ainda em risco de forçarem as marchas e aguarem a tropa, não pousavam ali? Elles bem sabiam que á noite teriam de despertar quando as almas perdidas, em penitencia, cantassem com voz fanhosa a encommendação. Mas, o cuyabano Manuel Alves, arrieiro atrevido, não estava por essas abusões, e quiz tirar a seisma da casa mal assombrada.

Montado em sua mula queimada frontaberta, levando adestro seu macho crioulo por nome « *Fidalgo* » — dizia elle que tinha corrido todo este mundão, sem topar coisa alguma, em dias de sua vida, que lhe fizesse o coração bater apressado, de medo. Havia de dormir sózinho na tapera e ver até aonde chegavam os receios do povo.

Dito e feito.

Passando por ahi de uma vez, com sua tropa, mandou descarregar no rancho com ar decidido. E enquanto a camaradagem, meio obtusa com aquella resolução inesperada, saltava das sellas ao guizalhar das rosetas no ferro batido das esporas; e os tocadores, acudindo de cá e de lá, iam amarrando nas estacas os burros, divididos em lotes de dez, Manuel Alves, o primeiro em desmontar, quedava-se de pé, recostado a um mourão de braúna, chapéu na corôa da cabeça, cenho carregado, faca nua apparelhada de prata, cortando vagarosamente fumo para o cigarro.

Os tropeiros, em vai-vem, empilhavam as cargas resfolegando ao peso. Contra o costume, não proferiam uma jura, uma exclamação; só, ás vezes, uma palmada forte na anca de algum macho teimoso. No mais, o serviço ia-se fazendo, e o Manuel Alves continuava quieto.

As sobrecargas e os arrochos, os buçaes, a penca de ferraduras, espalhados aos montes; o surrão da ferramenta aberta e para fóra o martello, o puxavante e a bigorna; os embornaes de pendurados; as bruacas abertas e o trem de cozinha em cima

de um couro; a fila de cangalhas de suadouro para o ar, á beira do rancho — denunciaram ao arrieiro que a descarga fôra feita com a ordem do costume, mostrando tambem que á rapaziada não repugnava acompanhá-lo na aventura.

Então, o arrieiro percorreu a tropa, correndo o lombo dos animaes para examinar as pisaduras; mandou atalhar á sovela algumas cangalhas, assistiu á raspagem da mulada e mandou por fim encostar a tropa acolá, fôra da beira do capão, onde costumam crescer aservas venenosas.

Dos camaradas o Venancio lhe fôra malungo de sempre. Conheciam-se a fundo, os dois tropeiros, desde o tempo em que puzeram o pé na estrada pela primeira vez, na éra da fumaça, em trinta e tres. Davam de lingua ás vezes, nos serões do pouso, um pedaço de tempo, enquanto os outros tropeiros, sentados nos fardos ou estendidos sobre os couros, faziam chorar a tyrana com a toada doida de uma cantilena saudosa.

Venancio queria puxar a conversa para as coisas da tapéra, pois viu logo que o Manuel Alves ficando ahi tramava alguma das delle.

— O macho lionanco está meio sentido da viagem, Só Manuel.

— Nem por isso. Aquelle é couro n'agua. Não é com duas distancias desta que elle afrouxa.

— Pois olhe: não dou muito para elle urrar na subida do morro.

— Este? não fale!

— Inda malhando nesses carrascos cheios de pedra, então é que elle se entrega de todo.

— Ora!

— Vossemecê bem sabe: por aqui não ha boa pastaria; acresce mais que a tropa deve andar amilhada. Nem pasto, nem milho na redondeza desta tapéra. Tudo que sairmos d'aqui, topamos logo um catingal verde. Este pouso não presta; a tropa amanhece desbarrigada, que é um Deus-nos-acuda.

— Deixe de poetagens, Venancio! Eu sei cá.

— Vossemecê póde saber, eu não duvido; mas na hora da coisa feia, quando a tropa pegar a arriar a carga pela estrada, é um vira-tem-mão, e—Venancio p'r'aqui, Venancio p'r'acolá.

Manuel deu um muxoxo. Em seguida levantou-se de um surrão onde estivera sentado durante a conversa e chegou á beira

do rancho, olhando para fóra. Cantarolou umas trovas e, voltando-se de repente para o Venancio, disse :

— Vou dormir na tapêra. Sempre quero ver si a bocca do povo fala verdade uma vez.

— Hum, hum! está hi! Eia, eia, eia!

— Não temes eia, nem peia! Puxe para fóra minha rêde.

— Já vou, patrão. Não precisa falar duas vezes.

E d'ahi a pouco veio com a rede cuyabana bem tecida, bem rematada por longas fraujas pendentas.

— Que é que vossemecê determina agora?

— Vá lá a tapêra enquanto é dia e arme a rêde na sala da frente. Enquanto isso, aqui tambem se vai cuidando no jantar.

O caldeirão preso á rábicha grugulhava ao fogo; a carne secca chiava no espeto e a camaradagem, rondando á beira do fogo, lançava ás vasilhas olhares avidos e cheios de angustias na anciosa expectativa do jantar. Uma, de passagem, aticava o fogo: outro carregava o ancorote cheio d'agua fresca; qual corria a lavar os pratos de estanho, qual indagava pressuroso si era preciso mais lenha.

Houve um momento em que o cozinheiro, atucanado com tamanha officiosidade, arremangou aos parceiros, dizendo-lhes:

— Arre! tem tempo, gente! Parece que vocês nunca viram feijão. Cuidem de seu que fazer, si não querem sair d'aqui a poder de tição de fogo!

Os camaradas se afastaram, não querendo furrar com o cozinheiro em momento assim melindroso.

Pouco depois chegava o Venancio, ainda a tempo de servir o jantar ao Manuel Alves.

Os tropeiros formavam roda, agachados, com os pratos em cima dos joelhos e comiam valentemente.

— Então? perguntou Manuel Alves ao seu malungo.

— Nada, nada, nada! Aquillo por lá, nem signal de gente.

— Uuai! é esturdio!

— E vossemecê pouza lá mesmo?

— Querendo Deus, sózinho, com a franqueira e a garrucha, que nunca me atraioaram.

— Sua alma, sua palma, meu patrão. Mas... é o diacho!

— Ora! pelo buraco da fechadura não entra gente, estando bem fechadas as portas. A resto, si fôr gente viva, antes della me

jantar eu hei de fazer por almoço-a. Venancio, defuncto não levanta da cova. Você ha de saber amanha.

— Su'alma, sua palma, eu já disse, meu patrão; mas, olhe, eu já estou velho, tenho visto muita coisa e, com a ajuda de Deus, tenho escapado de algumas. Agora, o que eu nunca quiz foi saber de negocio com sombração. Isso de coisa do outro mundo, p'r'aqui mais p'r'ali — terminou o Venancio, sublinhando a ultima frase com um gesto de quem se benze.

Manuel Alves riu-se, e, sentando-se numa albarda estendida, catou uns gravetos do chão e começou a riscar a terra, fazendo cruzinhas, traçando arabescos. . . A camaradagem, reconfortada com o jantar abundante, tagarellava e ria, bolindo de vez em quando no guampo de cachaça. Um delles ensaiava um rasgado na viola; e outro — namorado talvez — encostado ao esteio do rancho, olhava para longe, encarando a barra do céu de um vermelho enfumaçado e falando baixinho, co'a voz tremente, á sua amada distante. . .

II

O escampado se ennoitára, e com elle o rancho e a tapéra. O rolo de cêra, ha pouco aceso e pregado ao pé-direito do rancho, fazia uma luz fumarenta. Embaixo da tripeça, o fogo estalava ainda. De longe vinham ahi morrer as vozes do sapo-cachorro, que latia, lá num brejo afastado, sobre o qual os vagalumes teciam uma trama de luz vacillante. De cá se ouvia o resfolegar da mulada, pastando espalhada pelo campo. E o sincerro da madrinha, badalando compassadamente aos movimentos do animal, sonorizava aquélla grande estensão erma.

As estrellas, em divina faceirice, furtavam o brilho ás miradas dos tropeiros, que, tomados de languor, banzavam, estirados nas caronas, apoiadas as cabeças nos serigotes, com o rosto voltado para o céu.

Um dos tocadores, rapagão do Ceará, pegou a tirar uma cantiga. E pouco a pouco, todos aquelles homens errantes, filhos dos pontos mais afastados desta grande patria, suffocados pelas mesmas

saudades, unificados no mesmo sentimento de amor á independência, irmanados nas alegrias e nas dores da vida em comum, responderam em côro, cantando o estribilho. A principio, timidamente, as vozes meio veladas deixaram entre ouvir os suspiros; mas, animando-se, animando-se, a solidão foi se enchendo de melodia, foi se povoando de sons dessa musica espontanea e simples, tão barbara e tão livre de regras, onde a alma sertaneja soluça ou geme, campeia victoriosa ou ruge traiçoeira—irman gemea das vozes das fêras, dos roncões da cachoeira, do murmulho suave do arroio, do gorgoeio delicado das aves e do tetrico fragor das tormentas. O idyllio ou a luta, o romance ou a tragedia viveram no relevo extraordinario desses versos mutilados, dessa linguagem brutescas da tropeirada.

E, enquanto um delles rufando um sapateado, gracejava com os companheiros, lembrando os perigos da noite nesse ermo — consistorio das almas penadas — outro, o Joaquim Pampa, lá das bandas do sul, interrompendo a narração de suas proezas na campanha, quando corria á cola da bagualada girando as bolas no punho erguido, fez calar os ultimos parceiros que ainda acompanhavam nas cantilenas o cearense peitudo, gritando-lhe:

— Ché, povo! Tá chegando a hora!

O ultimo estribilho:

Deixa estar o jacaré:

A lagôa ha de seccar!

expirou maguado na bocca daquelles poucos, amantes resignados que esperavam um tempo mais feliz, onde os corações duros das morenas ingratas amollecem para seus namorados fieis:

Deixa estar o jacaré:

A lagôa ha de seccar!

O tropeiro apaixonado, rapazinho esguio, de olhõs pretos e fundos que contemplava absorto a barra do céu ao cair da tarde, estava entre estes; e quando emmudeceu a voz dos companheiros ao lado, elle concluiu a quadra com estas palavras, ditas em tom de fé profunda, como si evocasse maguas longo tempo padecidas:

Rio Preto ha de dar van

Té p'ra cachorro passar!

— Tá chegando a hora!

— Hora de que, Joaquim?

— De apparecerem as almas perdidas. Ih! vamos acender fogueiras em roda do rancho.

Nisto, appareceu o Venancio, cortando-lhes a conversa.

— Gente! o patrão já está na tapéra, Deus permitta que nada lhe aconteça. Mas, vocês sabem: ninguem gosta deste pouso mal assombrado.

— Escute, tio Venancio. A rapaziada deve tambem vigiar a tapéra. Pois nós havemos de deixar o patrão sózinho?

— Que se ha de fazer? Elle disse que quer ver com seus olhos e havia de ir só porque assombração não apparece sinão a uma pessoa só que mostre coragem.

— O povo conta que mais de um tropeiro animoso quiz ver a coisa de perto; mas, no dia seguinte os companheiros tinham de trazer defuncto para o rancho, porque dos que dormem lá não escapa nenhum.

— Qual, homem, isso tambem, não! Quem conta um conto acrescenta um ponto; eu cá não vou me fiando muito na bocca do povo; por isso é que eu não gosto de pôr o sentido nessas coisas.

A conversa tornou-se geral e cada um contou um caso de coisa do outro mundo. O silencio e a solidão da noite, realçando as scenas fantasticas das narrações de ha pouco, filtraram nas almas dos parceiros menos corajosos um como terror pela imminencia das apparições.

E foram se amontoando a um canto do rancho, rentes uns com os outros, de armas aperradas, alguns e olhos esbugalhados para o indeciso da treva; outros, destemidos e gabolas, diziam alto:

— Cá por mim o defuncto que me tentar morre duas vezes, isto tão certo como sem duvida — e espreguiçavam-se nos couros estendidos, bocejando de somno.

Subito, ouviu-se um gemido agudo, fortissimo, atroando os ares como o ultimo grito de um animal ferido de morte.

Os tropeiros pularam dos lugares, precipitando-se confusamente para a beira do rancho.

Mas o Venancio acudiu logo, dizendo :

— Até ahi vou eu, gente! Dessas almas eu não tenho medo. Já sou vaqueano velho e posso contar. São, as antas sapateiras, no cio. Disso a gente ouve poucas vezes, mas ouve. Vocês têm razão: faz medo.

E os pachydermes, ao darem com o fogo, dispararam, galopando pelo capão a dentro.

AFFONSO ARINOS

(*Continúa*)
